

ESTUDO EXPLORÁTORIO DE CONSTATAÇÃO E DESCRIÇÃO DO MUNDO DO MOVIMENTO DE CRIANÇAS NO MUNICÍPIO DE RESTINGA SECA - RS¹

EXPLORATORY STUDY OF THE EVIDENCE AND DESCRIPTION OF CHILDREN'S MOVEMENT WORLD IN THE CITY OF RESTINGA SÊCAR/S

Alexandra Marin Colpo*
Wenceslau Virgílio Cardoso Leães Filho**

RESUMO

Esta pesquisa retrata uma preocupação com o mundo do movimento das crianças que vêm sofrendo empobrecimento. Sabe-se que alguns fatores limitam suas experiências de movimento e que estas limitações se fazem ainda mais presentes no ambiente escolar. Desta forma, a pesquisa se constitui de duas partes. Na primeira se procurou conhecer o mundo do movimento das crianças por meio de um estudo de caso, e a segunda constituiu-se de uma análise crítica de todo o material coletado e descrito da realidade investigada. Esclarecer, portanto, a importância do mundo do movimento das crianças, propor e discutir aspectos para ampliar e desenvolver, nas séries iniciais, alguns caminhos para o trabalho da Educação Física que considerem o “mundo vivido” por elas são objetivos fundamentais. Acredita-se, pois, que as experiências das crianças podem enriquecer o planejamento e as aulas de Educação Física escolar.

Palavras-chave: Realidade. Experiência. Movimento.

INTRODUÇÃO

Sentindo-me responsável por ampliar meus conhecimentos sobre as intervenções didáticas de ensino da Educação Física escolar e proporcionar aos meus alunos melhores vivências, melhores aulas de Educação Física, de modo que eles pudessem participar e se empenhar na realização das tarefas; busquei conhecer como as crianças se movimentam, jogam, brincam e como constroem seus significados nessas aulas. Minha formação e habilitação, no entanto, é para as séries iniciais do ensino fundamental (1ª a 4ª), o que me exige um trabalho amplo e de conhecimento em todas as áreas.

O município em que atuo como professora de séries iniciais adota, para um regime de 20 horas semanais, 16 horas de trabalho em sala de aula e 4 horas para o professor desenvolver seus planejamentos, estando sempre à disposição da

escola. No dia em que o professor tem sua horatividade, outro professor assume a turma. Estes professores substitutos são chamados de professores itinerantes, possuem habilitação em magistério/curso normal ou graduação em pedagogia, tendo que trabalhar conhecimentos e/ou habilidades relacionadas à Educação Física, Ensino Religioso e Educação Artística.

Acredito que para desenvolvermos conhecimentos e/ou habilidades a partir de aspectos lúdicos, necessitamos saber onde as crianças vivem, quais são suas experiências de movimento nos seus contextos sociais e como brincam, e considerarmos isto para o planejamento das aulas de Educação Física. Assim, através deste estudo, em que trabalhei com quatro crianças de 1ª a 4ª séries, três delas com idade de oito e uma com treze anos, busquei conhecer os seus “mundos da vida”, para uma reflexão frente ao que está sendo proporcionado a elas enquanto experiências de

¹ Trabalho apresentado ao curso de pós-graduação/Especialização em Educação Física Escolar para obtenção do grau de especialista.

* Profª. das séries iniciais no município de Restinga Seca-RS.

** Profª. Mestre do Centro de Educação Física e Desportos, Universidade Federal de Santa Maria-UFSM.

movimento no ambiente escolar e as mudanças ocorridas com o passar do tempo. Este estudo não tem a pretensão de utilizar as análises aqui feitas como parâmetro para todas as crianças, mas sim, busca compreender, através delas, questões relacionadas ao movimento das crianças. Discute a importância de considerar as vivências e as relações sociais para a construção e elaboração de uma proposta de Educação Física escolar, alertando para a necessidade de conhecer a realidade sócio-histórica dos educandos, a fim de promover uma educação integral, caso contrário estaremos apenas treinando corpos, reproduzindo movimentos. Como coloca Godoy (1995, p. 32),

Só faremos uma educação física escolar se reconhecermos a “educação física não escolar” que está aí e que faz parte da realidade do nosso aluno, precisamos conhecer aquele com quem trabalhamos, com quem crescemos, com quem convivemos, com quem vivemos... a “mesma” realidade.

Destarte, é fundamental considerar as brincadeiras e as experiências de movimento do “mundo da vida” das crianças como ponto de partida para as aulas e para o planejamento de Educação Física escolar, visto que brincar faz parte do mundo de movimento das crianças. Adotar este procedimento é ver o aluno como um ser social. Segundo Silva, Garcia e Ferrari (1989, p. 13):

[...] o brincar é fonte de crescimento, saúde e conduz aos relacionamentos grupais. A busca da vida em grupo se faz necessária na medida em que a vivência do coletivo promove a relação entre o que é pessoal (interior) e o que é do grupo (realidade objetiva). Ao realizar essa experiência o indivíduo pode deixar fluir sua criatividade e utilizar sua personalidade integral. O brincar é, portanto, uma das possibilidades que o indivíduo tem de postular o seu “eu” em relação ao contexto.

É necessário não abrir mão do conhecimento do cotidiano, com vistas a oportunizar, nas aulas de Educação Física, uma compreensão de significados, seja em nível de planejamento, seja

em nível de prática. Girardi (1995, p. 84) enfatiza que “a consciência corporal, através das atividades lúdicas, das brincadeiras, poderá possibilitar melhor harmonia de movimento”.

Trazer para dentro da escola as atividades realizadas pela criança fora do ambiente escolar torna prazerosas as aulas de Educação Física. Não acredito que devamos apenas reproduzir as brincadeiras, o brincar pelo brincar, mas sim, utilizar estas atividades para trabalhar de forma a construir com os alunos saberes e normas flexíveis relacionadas às atividades de movimento a serem desenvolvidas. Em algum momento também será necessário oportunizarmos à criança a liberdade de vivenciar o seu corpo e apenas “brincar”, deixando de lado as “formalidades”. (GODOY, 1995, p. 42).

Assim, atuar como educador não constitui uma tarefa fácil, mas exige um compromisso pessoal e social. Preparar-se deve ser a preocupação primordial daqueles educadores dispostos a fazer a diferença, pois é pela necessidade de se aperfeiçoar que eles buscam o aprimoramento e o entendimento das diversas áreas do conhecimento.

Não obstante, para as quatro séries iniciais, a Educação Física escolar é pouco discutida e estudada, e é até mesmo ignorada por alguns professores; são negadas as experiências que as crianças têm, as quais podem enriquecer e contribuir para o planejamento.

Nota-se no dia-a-dia da escola que falta base teórica de sustentação ao trabalho pedagógico do professor para que ele planeje e realize atividades significativas envolvendo o grupo de alunos, estando ele consciente de que não bastam a transmissão ordenada de conhecimentos e o ensinamento de atividades.

Santin (1995, p.171-172) apud Moreira (1995) considera quatro pontos como fundamentais para uma reflexão sobre a legitimidade da educação física e do esporte:

Primeiro, o homem é um ser uno, e não apenas um ser racional [...]; Segundo, o homem é um ser que se move, e seu movimento ultrapassa os limites das simples atividades mecânicas [...]; Terceiro, o homem é um ser que brinca, aliás, condição essencial para se tornar humano[...]; Quarto, o homem é um ser

que sente, e a sensibilidade, segundo a racionalidade e a eficiência produtiva, é um obstáculo para a funcionalidade e eficiência científica e tecnológica do mundo de hoje. Na educação física da forma e do ritmo não há lugar para a sensibilidade.

Refletirmos sobre o sentir, agir e pensar do “homem” é imprescindível, uma vez que nos leva a lançar um olhar ou “novo” olhar sobre a criança. Passaremos a vê-la como um ser que tem características próprias, as quais devem ser consideradas. Os movimentos desta não podem estar exclusivamente ligados às atividades mecânicas. Considerá-la como um ser social e atuante é um grande passo para realização e compreensão da Educação Física escolar.

LOCAL E REALIZAÇÃO DA PESQUISA

A pesquisa foi realizada no município de Restinga Seca - RS, com quatro participantes, alunos(as) de 1ª a 4ª séries regularmente matriculados(as) na E.M.E.F. Leonor Pires de Macedo. As visitas foram previamente agendadas de acordo com a disponibilidade da família. O contato era feito diretamente com os pais, e na escola as observações eram realizadas, principalmente, no horário do recreio escolar.

Com relação aos procedimentos adotados, procurando ir além das observações, por meio das entrevistas com as crianças e familiares mais próximos, especialmente as mães, pude conhecer um pouco de cada uma das famílias, que me receberam com muito carinho. A disposição de todos fez com que as entrevistas se tornassem um diálogo descontraído entre a pesquisadora, as crianças e os familiares, quando era sentida a necessidade em interrogar as crianças sobre as aulas de Educação Física, as brincadeiras, sobre a relação delas com outras crianças ou com adultos. Procuramos também saber das mães se elas eram superprotetoras, quais locais elas consideravam seguros para seu (s) filho (s) brincarem, se elas limitavam ou não as brincadeiras das crianças. Com autorização das famílias, tirei fotografias de alguns locais por vezes citados pelas crianças, que serviram para auxiliar na análise.

Através dos mapas cartográficos, desenhos das próprias crianças, que também serviram para fins de análise, elas puderam expressar as brincadeiras, os brinquedos e os espaços das brincadeiras.

A segunda fase constitui-se de uma análise do material coletado e descrito, a qual tem como parâmetro a fenomenologia hermenêutica, que considera o mundo vivido, a compreensão do ser humano em sua vida cotidiana. Partindo deste enfoque é que busco visualizar o mundo do movimento das crianças para discutir caminhos e promover algumas reflexões necessárias para uma concepção didática da Educação Física nas séries iniciais do ensino fundamental que utilize como ponto de partida a questão do movimento com base nas experiências e vivências das crianças e considere o aluno como um ser social, atuante e responsável também pela construção de saberes. Faz-se necessário criar, para o movimento e jogos, referências significativas e motivadoras para a realidade das crianças.

A pesquisa foi realizada mediante autorização prévia do Comitê de Ética (processo n.º 23081.001400/2006-89) e dos pais ou responsáveis pelas crianças, por meio do “Termo de Consentimento Livre e Esclarecido”.

CARACTERIZANDO A ESCOLA E REGIÃO ONDE FOI REALIZADA A PESQUISA

O município de Restinga Seca, localizado na Região da Depressão Central do Rio Grande do Sul, tem um total de 15.595 habitantes, segundo dados do IBGE 2007. A formação étnica do povo restinguense se baseia em elementos lusos, alemães, italianos e negros. A agricultura e a criação de gado constituem-se na mais importante fonte econômica do município. A indústria se destaca, através das fábricas de móveis, laticínios e fábrica de calçados. A rede estadual de ensino do município conta com 4 escolas, e a rede municipal, com 9 escolas.

A escola que foi utilizada para minhas observações está localizada na Vila Pelizaro, periferia da cidade. A Vila Pelizaro recebeu este nome em homenagem ao primeiro morador destas terras, chamado José Pelizaro. Localiza-se num ponto alto onde existem ruas planas e inclinadas. Com dois pisos, a escola possui 5 salas de aula, secretaria, biblioteca, laboratório

de informática, banheiros feminino e masculino para alunos e banheiro para professores, sala dos professores e sala de recursos (educador especial), cozinha, uma quadra de esportes, pracinha e um amplo pátio para aproximadamente 230 alunos.

A seguir tratarei do que se refere à Educação Física e ao recreio escolar na E.M.E.F. Leonor Pires de Macedo.

No ensino fundamental de 5ª a 8ª séries os alunos dispõem têm duas aulas semanais e, nas séries iniciais, é a professora itinerante, já mencionada anteriormente, quem desenvolve as atividades de Educação Física com os alunos uma vez por semana. O recreio, pela manhã, é às 10h15 min, e à tarde, a partir 15h15 min. Dado sinal, os alunos se dirigem até a cozinha para pegar a merenda. Espalhados pelo pátio da escola, fazem o lanche, levam o prato, talheres ou copo até a cozinha novamente e ficam livres para realizar suas brincadeiras e conversar. Muitos deles gostam de brincar nos balanços que ficam embaixo de grandes árvores, com uma sombra muito agradável no verão. A duração do recreio é de 15 minutos, quando devem aproveitar para ir ao banheiro e tomar água, se necessário. Até julho deste ano, o recreio era de 15 minutos, como foi mencionado antes; contudo, em reunião pedagógica no mesmo mês e ano, os (as) professores (as) sentiram a necessidade de ampliar este tempo, sendo 10 minutos para merenda, banheiro e água e 15 minutos para as crianças brincarem de fato.

O que se constatava é que com apenas 15 minutos de recreio as crianças saíam correndo para pegar a merenda e realizar suas brincadeiras. O que mais importava nesse momento era fazer o lanche rapidamente, para poderem brincar.

Os cuidados no recreio ficam a cargo do zelador da escola.

ANÁLISE DO MATERIAL COLETADO E DESCRITO

O grande valor desta pesquisa está no contato que tive com os familiares e, em especial, com as crianças, que muito têm a nos ensinar, bem como em acreditar na importância do brincar, que deve ser preservado e cultivado nas famílias. Com base nas brincadeiras infantis,

como já havia mencionado anteriormente, é possível realizar um trabalho pedagogicamente estruturado, que leve em consideração o brincar como forma de enriquecimento do trabalho do professor e de aceitação da realidade da criança.

Com base em constatações da realidade, observou-se a existência de brincadeiras e jogos tradicionais que, para muitas crianças, já não fazem parte de seu dia-a-dia. Daí a importância do resgate e da valorização destas brincadeiras dentro da escola, sem excluir, obviamente, a existência de jogos e brinquedos prontos e dos novos instrumentos tecnológicos.

Hoje, com a entrada dos computadores e *videogames* na maioria das residências e com a ausência dos pais, os pequenos passam “infinitas horas” em contato com esses aparatos, que roubam preciosos momentos de construção coletiva e/ou individual do brincar e do movimentar-se (experiências de movimento).

Sabe-se que é por meio das brincadeiras que a criança explora o meio social, define papéis, cria amigos imaginários, improvisa, desenvolve o pensamento. Conforme Silva, Garcia e Ferrari (1989, p.75):

As brincadeiras são um meio para se chegar ao coletivo geral da humanidade; nelas a criança trabalha questões importantes da essência do ser humano: medo, fantasia, faz-de-conta, além de experimentar relações sociais presentes em determinado coletivo (grupo social a que pertence) como cooperação, competição, ganhar, perder, comandar, subordinar-se, etc.

Contudo, o que está sendo imposto às nossas crianças é uma “**cultura de massa**”, de modo que, para ser feliz e brincar, a criança necessita adquirir os produtos recentes, divulgados na mídia. Para Silva, Garcia e Ferrari (1989, p. 125):

Se de um lado temos a cultura de massa que promove consumo e a utilização dos objetos como descartáveis e de fácil substituição apelando para que cada indivíduo reproduza o modo de vida capitalista, de outro temos as brincadeiras tradicionais que contêm elementos da tradição e que podem ser ressignificados no presente e dar

inteligibilidade e sentido à história de cada um, bem como à história do coletivo.

Acompanhar e adquirir a quantidade de produtos que constantemente estão sendo lançados no mercado é quase que uma obrigação; e, mais triste que isso, os pais junto com seus “baixinhos”, deixam-se tomar pela influência do mundo mercadológico, sentindo-se obrigados a consumir para deixar seus filhos em dia com o que de mais moderno existe.

Como coloca Antunes (2005, p. 24), a resposta frequentemente obtida quando questionava os “pais que trabalham demais” sobre o pouco tempo que destinam aos seus filhos, é que, em virtude do alto consumo imposto pela sociedade, necessitam trabalhar demais para alcançar o “padrão de consumo” que julgam merecer seus filhos e eles próprios.

Com isto, então, vêm os reflexos aparentes relacionados ao mundo do movimento destas crianças. Brincar se tornou algo tão fácil e também prazeroso para algumas, mas com poucas possibilidades de desafio, ousadia e estratégias de jogo. Como enfatiza Santin (2001, p. 55):

[...] O brinquedo enquanto imaginação mágica encontra um número cada vez mais crescente de inimigos que são treinados nos campos da ciência e da técnica. A fabricação de artefatos de brincar e a instalação de espaços bem delimitados de diversões para as crianças vai reduzindo o papel da imaginação. Esses artefatos industrializados, em primeiro lugar, estão inspirados na sensibilidade lúdica do adulto e não da criança; em segundo lugar, eles são instrumentos para brincar, e não brinquedos propriamente. O instrumento traz esculpida a função que deve desempenhar; ele já tem fisionomia, tem nome, tem identidade. No brinquedo, ao contrário, é a sensibilidade lúdica da criança que fantasia suas criaturas, inventa nomes, define papéis e os altera quando quiser [...].

Criar brinquedos e brincadeiras permite à criança desenvolver a imaginação e a criatividade. Pedacos de gravetos, valas, areia,

árvores, o campinho, a rua; são coisas e espaços que possibilitam a exploração de diferentes formas de movimento e expressão.

Para minha felicidade e realização, encontrei na realidade investigada brincadeiras comuns àquelas crianças, o que já era esperado, por causa do espaço e do tempo, que são favoráveis a tais brincadeiras, e pela baixa condição socioeconômica das famílias, que é um fator decisivo para a não-aquisição de brinquedos e aparatos oferecidos pelo mercado. Elas são crianças que ainda cultivam o brincar como ato coletivo no grupo de amigos ou familiares. Brincar de esconde-esconde, de casinha, de pega-pega, fazer castelo de areia, andar de bicicleta, jogar bola, subir em árvores são brincadeiras citadas por elas que, quando observadas, percebi serem realmente significativas. Apenas constatei que a rua, a casa de amigos, o pátio da casa, são os espaços mais utilizados pelas crianças para realizar suas brincadeiras, com exceção da menina, que participa de um projeto oferecido pelo município restrito a um número “x” de crianças, as quais têm acesso a outros espaços para realizar suas experiências de movimento.

As brincadeiras nesta realidade necessitam ser criadas e recriadas com aquilo que o meio social oferece no momento: um carrinho, uma boneca, uma bola, a bicicleta, o pátio da casa, a festa da escola - da qual participam apenas para brincar. Isto é que lhes proporciona lazer, pois são crianças de uma realidade bastante simples. O meio em que estão inseridas, em face de sua realidade, faz com que perpetuem jogos e brincadeiras tradicionais. “O tempo e o espaço definem, pois, as características de cada brincadeira” (FRIEDMANN, 1996 apud CARDOSO, 2004, p. 51). “Os tipos de jogos, brinquedos e brincadeiras estão relacionados aos recursos socioeconômicos das crianças, do espaço que elas possuem para brincar e da idade em que cada grupo se encontra” (CARDOSO, 2004, p. 51).

Destarte, quando perguntado ao menino “F” em qual local mais gosta de brincar, ele respondeu: - “Num campinho que tem perto de casa”. E quando perguntei à menina “J” quais os locais em que mais gostava de brincar, ela respondeu: “Ali na grama, de escolinha. Nós brincamos no quarto do tio “N”, de escolinha.

Eu sou a professora e a mana é a aluna. Nós peguemo as tabuinha pra brincar, a vó dá uns lápis e nós brinquemo”.

“D” e “B” me falaram de seus desenhos. Segundo “D”, o local em que ele gosta de brincar é a casa de seu amigo. Diz não gostar de brincar sozinho. A “B” através do desenho, representa o pátio da casa como o local onde realiza suas brincadeiras.

Estas são crianças que vivem e respiram o próprio meio, realizam suas experiências de movimento de modo criativo e saudável através de brincadeiras criadas por elas e brinquedos simples dentro daquilo que as famílias podem lhes oferecer. Eles se locomovem até a escola a pé - a “J”, o “D”, a “B” e o “F”, que se mudou para um lugar bem distante da escola. “F” me disse que vai a pé para a escola porque não gosta de chegar atrasado, utiliza o ônibus escolar apenas para voltar. O escolar é um ônibus fretado pela prefeitura para transporte apenas das crianças de pré e 1º ano (6 anos), contudo com autorização, em casos especiais, outros alunos podem utilizar esse transporte.

Através dos desenhos (mapas cartográficos) solicitados a estas crianças, pude constatar que elas fazem um retrato fidedigno de suas realidades. Representaram através deles o ambiente familiar, os brinquedos e locais onde brincam, não se distanciando de casa.

Isso pode ser explicado pelo fato de que, quando perguntei às mães qual o local ideal para seu (sua) filho (a) brincar, obtive as seguintes respostas: - “Só dentro do pátio”; “Eu prefiro que elas brinque em casa”; “Eu gosto que ela fique em casa sempre, eu não gosto muito de deixá muito ela sair, sabe? Não gosto. Se ela convida as coleguinhas dela, então, ela brinca aqui no pátio. Não gosto muito que ela saia assim pelas casas, sabe? Eu gosto onde eu posso cuidá ela, tô vendo o que ela tá fazendo”. Quanto ao menino “F”, pouco contato consegui com a família, porém pude verificar que as crianças são bastante responsáveis. Seus pais se afastam o dia todo e os filhos ficam sozinhos.

Diante do diálogo anterior, em uma análise específica, geral e atual, as mães entrevistadas demonstraram preferir que seus filhos ou filhas brinquem em casa. Por isso, trago a seguinte discussão: o que leva alguns pais a impedirem seus filhos de sair de casa sozinhos ou brincar na

rua? É o medo da violência? Os pais, que, pelo medo, cuidam excessivamente da segurança de seus filhos, acabam, de certa forma, limitando suas experiências de movimento. Assim, muitas delas são levadas a brincar nos espaços internos de suas casas e com um atrativo, que são os meios tecnológicos; e quando não dispõem destes meios, como é o caso da realidade investigada, acabam criando suas próprias brincadeiras com aquilo que lhes é oferecido e permitido naqueles espaços que os pais consideram seguros. Que pena a sociedade impõe às famílias e, conseqüentemente, às nossas crianças! O medo não as deixa ser livres para sair às ruas e explorar o meio externo às suas residências, que também muito pouco lhes oferece.

Diante disto, surge um convite à reflexão sobre os espaços que são oferecidos às crianças, a partir de um pensamento de Ferreira (2005, p.51):

Afinal, é preciso pensar no espaço que é destinado à infância nos tempos atuais. Espaço ou espaços?...Que, na maioria das vezes, são esmagados pelo tempo e pela própria redução de espaços. Com qualidade de vida ou descartáveis? Espaços com outros sentidos, marcados pelo tempo de agenda cheia, programada pelos próprios pais, que, na melhor das intenções, preocupam-se com o futuro dos filhos.

Pelo diálogo com as mães e pelas observações, pude verificar que três das crianças acompanhadas se relacionam, na maioria das vezes, com outras crianças, além de manterem o convívio familiar com pessoas adultas. A exceção é “D”, que, por imposição da mãe, mais convive com as pessoas da casa, que são adultos. A seguir, o diálogo com as mães, para ilustrar:

“P- Na maioria das vezes o “D” se relaciona mais com adultos ou crianças?

E- Mais com adultos.

P- Quem seriam essas pessoas?

E- Pai, mãe e irmãos.

P- Então, brincar é muito pouco?

E- É.

P- Por quê? A senhora não deixa?

E- Até gostaria de deixar, mas ele é muito medonho. 'D' interfere dizendo: -'brigão'. E a mãe: - 'Briga, às vezes, sabe Alixandra, muito briguento. Então, para não dar confusão eu não deixo'."

Neste diálogo, pude perceber que "D" já interiorizou que ele realmente é brigão; foi esta a visão que a mãe lhe passou, por isso ele não brinca mais tempo com seus amigos e permanece junto com a família em casa. Pude observar que quando está longe da mãe o menino consegue manter um diálogo, mas quando está perto, ele esconde o rosto atrás dela e quase não responde às perguntas. Infância e juventude é coisa séria, e faço aqui um chamamento a todos os pais e professores: o que estamos fazendo com a infância e juventude de nossas crianças?

Um novo olhar sobre a criança é necessário. Segundo as palavras de Valeska Fortes de Oliveira², "Precisamos enxergar nossas crianças do ponto de vista antropológico, realmente como elas são e não como nós gostaríamos que elas fossem (informação verbal)". Para mim, ser criança é brincar e poder decidir livremente, para desenvolver a imaginação. Agindo de modo diferente, estaremos a todo o momento tentando moldar crianças perfeitamente disciplinadas. Normalmente, proporcionamos a elas o brincar no sentido de ordenar, de modo que aprendem somente com o adulto, idéia que há muito vem sendo implantada dentro das escolas.

Dessa forma, ter embasamento, considerar a vivência do aluno, planejar e inovar devem ser ações permanentes e intrínsecas ao professor. Diante disso, para mim seria importante conhecer o trabalho realizado em Educação Física escolar naquela realidade investigada no município de Restinga Seca. Assim, perguntei às crianças:

- Quem propõe as atividades nas aulas de Educação Física?

Todas as crianças responderam: "A professora".

² Informação fornecida pela Prof^a. Dr^a. Valeska Fortes de Oliveira no curso: Parâmetros norteadores para a Educação na infância: uma proposta coletiva, em abril/maio de 2006 no município de Restinga Sêca.

Mais uma vez questioneei as crianças: - Vocês consideram as aulas de Educação Física um momento só de brincadeiras?

Respostas das crianças: uma apenas balançou a cabeça dizendo que sim, outra disse que nas aulas de Educação Física pode brincar à vontade. O "D" preferiu manter silêncio e o "F" disse: -"Não é só um momento de brincadeiras", mas quando questionado sobre o que é Educação Física, não soube responder e preferiu calar-se.

Vejo, a partir do diálogo com as crianças, que é necessário o professor conversar com os alunos sobre as aulas de Educação Física. Será que podemos considerar a aula de Educação Física como um momento só de brincadeiras? O que é brincar? Podemos, sim, e devemos considerar a Educação Física como lúdica, em que o brincar esteja presente do início ao fim, que seja prazeroso para a criança desenvolver as atividades propostas. Mesmo no jogo de regras a criança brinca, desde que esteja disposta a participar.

Baseio-me em Scheines (1991 apud CARDOSO, 2004, p. 43) quando afirma que, "para que ocorra jogo, devem existir regras. A submissão do jogador às regras é vista como um ato voluntário. Portanto, o prazer e a liberdade de escolha preservam a ludicidade implícita no ato de jogar."

Assim, faz-se necessário que o educador tenha um trabalho pedagogicamente estruturado, analisado e, principalmente, que este seja avaliado e reavaliado. Normas, conceitos, planejamento, planos de aula - são aspectos necessários e devem estar presentes no trabalho do professor; no entanto, um trabalho sem objetivos claros e bem-definidos deixa os alunos em dúvida sobre o real papel da Educação Física na escola.

Trilhar caminhos, considerando as brincadeiras das crianças como componente do processo educativo, faz com que resgatemos a alegria de brincar; além de valorizar o mundo vivido pelas crianças.

Segue-se, então, um breve relato da primeira visita à residência de cada uma das crianças e ao projeto Asema, para ilustrar um pouco mais a realidade investigada.

Ao chegar à casa de "B", sua mãe preparava o almoço. Fui muito bem recebida, sentindo-me bem à vontade. Numa casa simples, com apenas

três cômodos, convive a família de cinco pessoas. Nos fundos da casa há uma vala com água corrente. Ao lado há uma barraca e muito cascalho, onde “B” e seus irmãos gostam de brincar. Descem o barranco até próximo à vala e sobem; descem e sobem, rindo muito; e se a mãe não interferisse mandando que parassem, seguiriam horas naquela brincadeira.

Em seguida, junto com “B”, fui conhecer o Projeto Asema, do qual a aluna participa e gosta muito. Chegando lá, “B” se juntou aos amigos que estavam olhando filme e eu fiz alguns questionamentos à pedagoga e à coordenadora do projeto para conhecer seu funcionamento. Chegar ao projeto é momento de prazer e satisfação para “B”. Nota-se, no olhar da menina, a felicidade por estar junto com outras crianças e poder fazer algo que em casa não é possível: - olhar televisão. “E por que não é possível?”, o leitor pode estar se perguntando neste exato momento. A família não possui televisão em casa, diferentemente de muitas em que as crianças passam horas a fio em frente à TV e deixam de lado momentos de convívio familiar e social, o que interfere drasticamente em suas experiências de movimento causando males à própria saúde, não só física, mas também psicológica.

Sentindo a importância do projeto para ela, resolvi relatar o que é Projeto Asema. Algumas vezes, acompanhava a “B” até o projeto, onde podia observá-la se relacionando com outras crianças dentro de um contexto social que fazia parte de sua vida diária.

ASEMA, que significa Apoio Socioeducativo em Meio Aberto, faz parte do Projeto Pequeno Cidadão, que inclui crianças e adolescentes entre 7 e 15 anos de idade. O projeto oferece almoço, hora para repouso, brincadeiras, apoio escolar, e prima pela higiene corporal e bucal. Um dos critérios de seleção para frequentá-lo é estar estudando. Crianças indicadas pelo Conselho Tutelar têm prioridade. É mantido com verbas do Estado e da Prefeitura e possui como lema: Parceria Família– Escola – Projeto.

Assim, sigo minhas visitas, em dias alternados.

O menino “F” estava brincando na casa de seus primos, que fica bem perto da escola. Lá pelas 10 horas “F” veio até a escola para me

levar a fim de conhecer sua casa. Caminhamos muito até chegar ao local onde está morando, pois há bem pouco tempo mudou-se (morava numa rua que fica nos fundos da escola). Ele me contou que, ao meio-dia, vai até a faixa próxima à sua residência e pega seu irmão que desce do ônibus escolar e o atravessa pela faixa para ir para casa. Dali, quem segue para escola é ele, a pé, para não se atrasar. A aula começa às 13h. Pontual e esforçado, “F” já está na 4ª série, obtendo dois anos de promoção à série seguinte por estar plenamente apto a cursar. Com apenas 8 anos, além de dedicado, demonstra ser muito responsável. Enquanto eu e seu pai conversávamos, brincava de bicicleta com sua prima, em frente à sua casa, numa rua muito tranqüila.

Num dia lindo, chegando eu à casa de “D”, sua mãe me disse que ele havia ido à escola para me buscar. Conversei com ela, que me falou sobre as atividades e as brincadeiras realizadas por “D”, normalmente, em seu dia-a-dia. Fiquei por algum tempo conversando com a mãe de “D” e ele não chegou. Retornei à escola e lá estava ele à minha espera. Conversamos e ele foi embora.

Mais uma visita. Já estou em companhia de “J” e sua mãe. “J” foi até a escola junto com a irmã que estava indo para a aula à tarde, de ônibus escolar. Saímos da escola e fomos a pé até sua casa, que não é muito distante. Lá fui muito bem recebida por sua mãe. “J” me mostrou suas fotos de quando era bebê e me contou que gosta muito de dançar. Enquanto estava em sua casa, ficou todo o tempo junto comigo e sua mãe. Apenas brincou com um ursinho ali no chão da sala mesmo.

A cada nova visita, muitas expectativas, pois sabia que estaria em contato com crianças e famílias que carregam consigo uma história, anseios em compartilhar aspectos próprios e particulares de cada um, e que muito iriam contribuir para o enriquecimento das minhas atividades enquanto professora de séries iniciais daquela realidade, em especial, para a pesquisa proposta, que foi aceita com satisfação por todos.

CONCLUSÃO

A realização desta pesquisa esteve associada à preocupação com o mundo do movimento das

crianças, pois este se constitui em uma fonte de enriquecimento para as aulas de Educação Física escolar, quando considerado como tal. A proposta lançada a todos os educadores, durante a explanação desta pesquisa, é que levemos em conta o mundo vivido, as brincadeiras, as experiências de movimento das crianças no ambiente escolar, em especial, o brincar, que é significativo para todas as crianças.

Foi bastante enriquecedor o contato com todas as famílias e pude perceber que a valorização da realidade da criança pode contribuir efetivamente com o trabalho do professor.

“B”, menina que participou do projeto, era aluna da 1ª série em que eu era professora titular. Antes do início do projeto, tinha problemas com a menina por negar-se, algumas vezes, a realizar as atividades. Reclamava bastante dizendo que não queria fazer e acabava agitando e dificultando o trabalho em sala de aula. Uma vez iniciado o projeto, comecei com as visitas. Isso foi o suficiente para eu conquistar a menina “B”. Ela sorria quando eu dizia que ia visitá-la.

Desta forma, vejo que é necessário um olhar sobre a criança, e não sobre o aluno. A partir do momento em que começarmos a enxergar a criança em casa, na escola, na rua, teremos melhores condições para desenvolver um trabalho com consciência de todos os fatores que limitam o movimento das crianças. Não vamos deixar de oferecer às nossas crianças uma Educação Física escolar agradável e prazerosa!

Cabe à escola não só propiciar a integração efetiva desta prática educativa aos alunos, mas possibilitar aos professores formação e atualização constantes, promovendo discussões relacionadas ao significado e à importância da Educação Física escolar.

Por outro lado, não se podem ignorar as histórias de vida. O professor tende a reproduzir em suas aulas aquilo que lhe foi proporcionado enquanto experiências de movimento.

É necessário romper com essa visão mecanicista de que o(a) professor(a) determina e os(as) alunos(as) apenas desenvolvem movimentos totalmente descontextualizados, e igualmente com a visão de que trabalhar a realidade da criança é deixar que ela faça o que quiser. Ao contrário disto, entendo que o mundo de movimento deve ser considerado como um aliado de um trabalho com objetivos, seqüência, diálogo entre professores e alunos. Nos dias atuais se faz necessário aprender a decidir e a assumir compromissos em conjunto. Contudo, mesmo consciente destes fatores, percebo na prática diária que, para os alunos, a Educação Física só é prazerosa quando livre de regras, sendo a “bola” um atrativo. Percebo igualmente que o pensar e agir dos educadores que trabalham a Educação Física nas séries iniciais está ainda bastante confuso, necessitando de aprimoramento. Portanto, todos os sujeitos poderão optar por estar ou não envolvidos com este processo de construção coletiva e conjunta nas aulas de Educação Física escolar.

EXPLORATORY STUDY OF THE EVIDENCE AND DESCRIPTION OF CHILDREN'S MOVEMENT WORLD IN THE CITY OF RESTINGA SÊCA / RS

ABSTRACT

This survey aims to portray a concern with the movement world of children suffering with the impoverishment. It is known that certain factors limit their movement experiences and that those limitations are made even more present in the school environment. Thus, two guidelines were sought in the research: first, know the children's movement world through a case study, and the second was a critical analysis of all the material collected and described from the reality investigated. Therefore, to clarify the importance of children's movement world, suggest and discuss ways to expand and develop ways to Physical Education practice in the initial grades, which considers their "living world" are fundamental objectives. Hence, it is believed that children's experiences can enrich the planning and the lessons of school Physical Education.

Key words: Reality. Movement. Experience.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, H.S. Tempo para ser criança. In: MACIEL, E. A. et.al. **Vivências das infâncias**: contextos e perspectivas. Santa Maria: Pallotti, 2005. (Cadernos Temáticos/ IV).

CARDOSO, S. R. **Memórias e jogos tradicionais infantis**: lembrar e brincar é só começar. Londrina: Eduel, 2004.

FERREIRA, V. L.d.I.S. Espaços voltados à infância. In: MACIEL, E. A. et.al. **Vivências das infâncias**: contextos e

perspectivas. Santa Maria: Pallotti, 2005. (Cadernos Temáticos/ IV).

GIRARDI, M. J. Brincar de viver o corpo. In: PICCOLO, V.L.N. (Org.) **Educação Física Escolar: Ser...Ou Não Ter?**. 3. ed. Campinas, SP, Ed. da Unicamp,1995.

GODOY, J. F. R. D. Educação Física não escolar. In: PICCOLO, V. L. N. (Org.) **Educação Física Escolar: Ser...Ou Não Ter?**. 3. ed. Campinas, SP, Ed. Unicamp,1995.

IBGE Cidades @. Disponível em:

<<http://www.ibge.gov.br/cidadesat>>. Acesso em 13 nov. 2007.

MOREIRA, W. W. **Educação Física escolar: uma abordagem fenomenológica**. 3. ed. Campinas, SP: Ed. da Unicamp, 1995.

SANTIN, S. **Educação Física da alegria do lúdico à opressão do rendimento**. 3. ed. Porto Alegre: EST edições, 2001.

SILVA, M. A. S.; GARCIA, A. L. ; FERRARI, S. C. M. **Memória e brincadeiras na cidade de São Paulo nas primeiras décadas do século XX**. São Paulo: Cortez, Cenpec, 1989.

Recebido em 22/05/07

Revisado em 24/09/07

Aceito em 22/10/07

Endereço para correspondência: Alexandra Marin Colpo. Rua Lauro Machado Soares, 333 – B. São José, CEP 97095-750, Santa Maria-RS, Brasil. E-mail: acolpo2003@yahoo.com.br